



QUESTÕES SOBRE CATEGORIAS, PESQUISA QUALITATIVA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS HUMANAS: INTERFACES NO CENÁRIO DA MODERNIDADE

QUESTIONS ABOUT CATEGORIES, QUALITATIVE RESEARCH, AND CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN HUMAN SCIENCES: INTERFACES IN THE MODERNITY SCENARIO

Carlos Jorge Paixão
Ricardo Augusto Gomes Pereira
Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo

Este Artigo tem por objetivo expor questões preliminares sobre categorias de análise, estudo qualitativo e produção do conhecimento nas Ciências Humanas Moderna. Procuramos estabelecer as interfaces entre o conceito estruturado bibliográfico e a análise qualitativa poético-criativa que pode possibilitar a geração de novos conceitos e novas significações por meio do que é extraído pelo trabalho do pesquisador-criador, inventor de novas estéticas, mesmo quando parte da literatura acadêmica estruturalista, consolidada e paradigmática de nossas prateleiras da modernidade. As constatações advindas das análises da temática em discussão apontam à necessária categorização do dado empírico, que se renova com o movimento poético no qual as temáticas se configuram para além da análise-sintética resultante da combinação entre teoria e empiria, qualitativamente referenciada. Outro aspecto importante constatado é que não se escapa da lógica estrutural, após a planificação e projeção necessária de uma pesquisa no campo acadêmico-científico, mas é necessária uma resposta original, criativa e sensível de cada texto acadêmico concluído, sobre o qual o pesquisador é na medida de sua inventividade criadora, um gerador de novas estéticas.

Palavras-chave: Categorias. Pesquisa qualitativa em ciências humanas. Pesquisador-criador.

Abstract

This article aims to expose preliminary questions about categories of analysis, qualitative study, and knowledge production in the Modern Human Sciences. We try to establish the interfaces between the structured bibliographic concept and the poetic-creative qualitative analysis that can enable the generation of new concepts and new meanings through what is extracted by the work of the researcher-creator, inventor of new aesthetics, even when part of the structuralist, consolidated and paradigmatic academic literature of our shelves of modernity. The findings of the analyzes of the subject under discussion point to the necessary categorization of empirical data, which is renewed with the poetic movement in which the themes are configured in addition to the synthetic analysis resulting from the combination of theory and experience, qualitatively referenced. Another important aspect is that it does not escape structural logic after the necessary research's planning and projection in the academic-scientific field, but an original, creative and sensitive response is required from each completed academic text, about which the researcher is in the measure of its creative inventiveness, a generator of new aesthetics.

Keywords: Categories; Qualitative Research in Human Sciences; Researcher-Creator.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Introdução

O marcador da modernidade tem situado ao longo de cinco séculos os processos de transformação, especialmente a valorização de outras vozes que não a do poder constituído, além de relações mais heterogêneas que se constituíram a partir do Renascimento e outros períodos históricos que marcam a modernidade como um processo transformador do homem no mundo. Mancebo (2002, p. 3) identifica a complexidade que esse marcador trouxe para o mundo a partir do século XVI e que se consolidou em meio a contradições, uma vez que, “O mundo, a partir do século XVI, apresenta-se, em relação ao das civilizações medievais, mais heterogêneo. Pode-se falar e apreciar o mundo sob outras vozes e outros ângulos”.

Essa definição de Mancebo historicamente para o desvendamento das relações humanas que começam a ser menos hierarquizadas e definidas fora do âmbito religioso ou político, abrindo espaço para subjetividades que se revelaram em reformas múltiplas que aconteceram a partir do período renascentista, mesmo considerando as resistências.

Pode-se observar que as afirmações de Mancebo (2002) são características que consolidam o espaço das Ciências Humanas e Sociais no mundo, a qual hoje tem apreciado progressivamente em seu campo investigativo o sujeito, configurações e sentidos do ser humano na sua constituição social. A referida autora ressalta ainda que as investigações nessa área “têm-se dado tanto no eixo etnográfico, especialmente a partir das contribuições da antropologia sobre a contemporaneidade, quanto no eixo histórico, sob o qual dados de múltipla procedência e qualidade sobre os “estados” anteriores da sociedade vêm sendo pesquisados” (MANCEBO, 2002, p. 2).

Dessa forma, a modernidade tem inspirado investigações nessa área, que tem buscado compreender a subjetividade dos sujeitos em diversos contextos e que são reveladores de intensões, motivações e aprendizagens que estão guardadas na intimidade do ser e que só podem ser trazidas a luz pelas mãos de investigações que

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



coloquem o ser humano como centro e fundamento (MANCEBO, 2002).

No entanto, para se chegar a essa certeza, levou-se um longo tempo, já que, à prevalência dos modelos exatos, positivistas concorreram para que não fossem percebidas as subjetividades humanas, e que estas não fossem reveladas em processos de investigação científica. Nesse sentido, é necessário compreender que mecanismos metodológicos foram criados para que essa realidade se concretizasse, já que chegar nesses sentidos era necessário à criação de formas fundamentais a fim de se conhecer a relações em uma determinada realidade e os demais desdobramentos de uma pesquisa. A isso, chamou-se categoria de análise, que na visão de Kant (1985), na obra *Textos Selecionados*, categorização é um processo que envolve a experiência, o entendimento e a sensibilidade de quem investiga e se transforma em verdade, o que ele chama de *verdade transcendental* que se materializa em “dar sentido e significação também aos nossos conceitos se não tivessem subjacentes alguma intuição” (KANT, 1985. p.70).

O pensamento de Kant em muito colabora para o norteamento de pesquisas empíricas em Ciências Humanas e Sociais, as quais têm a necessidade de argumentar profundamente objetos e problemas que venham da sociedade e sua diversidade a fim de justificar, descrever e examinar aspectos importantes que evidenciem o mundo social em que vivem diferentes sujeitos e significações.

A pesquisa qualitativa comparece nesse contexto como uma alternativa para elucidar tais objetos e problemas da sociedade e que são postos como desafios às Ciências Sociais e Humanas, já que essa é uma tarefa minuciosa, uma vez que não é fácil penetrar no mundo das representações e significações humanas. Sobre a pesquisa qualitativa, entre outras questões, Bauer e Gaskell (2012) afirmam que, a mesma, tem a tarefa de inventariar populações, o que se constitui em uma das tarefas da pesquisa social, mas que pode acontecer de forma variada, isto se justifica pela própria natureza das Ciências Humanas e Sociais que buscam trazer à luz impressões e interpretações do



mundo particular onde vivem, em forma de categorizações.

Essas argumentações são importantes por evidenciarem a categorização como um processo necessário à elucidação de ideias relacionadas especialmente na compreensão da cultura, como determinante de comportamento e expressões em diversos campos da vida humana e que tem se constituído objeto de pesquisas, como também novos conhecimentos que tem nos modos e vidas humanas sua centralidade. Desta forma, este texto tem por intuito de estabelecer interfaces entre o conceito estruturado bibliográfico e a análise qualitativa poético-criativa na perspectiva de possibilitar a geração de novos conceitos e novas significações por meio do que é extraído pelo trabalho do pesquisador-criador.

Procurar-se-á desenvolver neste texto algumas reflexões sobre a importância de formulação de categorias analíticas no desenvolvimento de investigações acadêmicas por meio da ideia do pensamento estruturado bibliográfico, como também a análise qualitativa poético-criativa enquanto possibilitadora de um fazer/pensar estético da escritura na investigação acadêmica.

Pensamento estruturado bibliográfico e suas implicações à tarefa investigativa em Ciências Humanas

A definição de uma categoria de análise é uma tarefa para além dela mesma, uma vez que dessa definição dependem a formulação de conceitos função intelectual imprescindível na elaboração teórica de qualquer trabalho acadêmico-investigativo, cuja base epistemológica ancora-se em diversas ciências, neste caso nas Ciências Humanas, “todavia, tanto a categoria com o conceito, assim como outros tantos termos, quando utilizados trivialmente possuem significações distintas daqueles das discussões filosóficas e científicas (BERNARDES, 2011, p. 166).

Por isso que o pensamento estruturado bibliográfico se constitui uma tarefa

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



importante para a definição de categorias de análise e conseqüentemente a produção científica nessa área que sobrevive de contornos diversos e densidade necessária que tornam as Ciências Humanas um campo de avanços e contradições em função do seu centro que é o ser humano.

Especificamente a educação e a cultura são espaços onde as pesquisas se concentram na busca da subjetividade das pessoas e grupos sociais. Mancebo (2002, p.2) aponta em relação a esses campos que “Trata-se de um empenho complexo, pois encontramos-nos mergulhados numa cultura [...], no interior da qual definimos nossas práticas e concepções, nos socializamos e educamos”.

Assim, a definição de um pensamento estruturado bibliográfico em áreas como a educação, cultura, artes, entre outras precisa de exemplos tácitos, uma vez que a criação no campo do conhecimento precisa de molde. Sem uma estrutura lógica para construção não existe plano/projeção. A formação acadêmico-científica é estruturalista, mesmo na área de arte, é preciso um ponto, uma linha para gerar uma obra de arte, tanto no mundo empírico, bem como, no universo acadêmico, para figurar e estrear nesse meio. Com Derrida (2014, p. 26), aprendemos que:

Não opomos aqui, num simples movimento de balanço, de equilíbrio ou de destruição, a duração e o espaço, a qualidade e a quantidade, a força e a forma, a profundidade do sentido ou do valor e a superfície das figuras. Muito pelo contrário. Contra essa simples alternativa, contra a simples escolha de um dos termos ou de uma das séries, pensamos que é preciso procurar novos conceitos e novos modelos, uma *economia* que escape a esse sistema de oposições metafísicas. Esta economia não seria uma energética da força pura e informe. As diferenças consideradas seriam ao mesmo tempo diferenças de lugares e diferenças de força. Se aqui parecemos opor uma e outra série, é porque no interior do sistema clássico, queremos fazer aparecer o privilégio não crítico simplesmente concedido, por um certo estruturalismo, à outra série. O nosso discurso pertence irredutivelmente ao sistema de oposições metafísicas. Só se pode anunciar a ruptura desta ligação através de uma certa organização, uma certa disposição estratégica que, no interior do campo e dos seus poderes próprios, voltando contra ele os seus próprios estratagemas, produza uma força de deslocação que se propague através de todo o sistema, rachando-o em todos os sentidos e delimitando-o por todos os

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



lados.

O conhecimento moderno, que se apresenta na forma de teorias estruturadas e estruturantes, pode ser interpretado como medida fim, ou ponto de partida para a negação e desmonte do que está construído metafisicamente, como uma fórmula/princípio a ser seguido pelo estudioso de um campo. Partir de algum ponto. Algum porto, de alguma lógica, deslocar-se de uma regra geral – uma estrutura metodológica de elaboração de projeções de investigações acadêmico-científicas.

A pesquisa, entre outras características, constitui-se em uma operação de entendimento e esclarecimento de um problema relacionado a um fenômeno que se apresenta em um determinado campo. A necessidade de um caminho para construção da elucidação do problema investigado envolve procedimentos estruturados que devem obedecer a uma ordem e a uma lógica.

Para Gamboa (2015, p. 31),

A palavra ou o *logos* expressa uma ideia, um pensamento. Expressamos o que pensamos. Mas o pensamento não se origina em si mesmo, segundo Aristóteles, mas se origina na *empeiria* (experiência sensível); nada existe no *intellectus* sem antes passar pela experiência sensível. A relação entre a experiência e as palavras passando pela mente é o objeto principal da lógica formal desenvolvida por Aristóteles. Temos aí um importante exemplo do papel da lógica como organizadora de procedimentos e de sequências e passos entre pontos nodais, por exemplo, entre um determinado ponto de partida e um ponto de chegada. O caminho a ser percorrido e as sequências de passos poderão ser mais precisos; percurso ser mais rápido e os procedimentos mais eficientes obedecem a critérios, tais como evitar desvios desnecessários, aprimorar os meios e otimização do tempo. A lógica busca equacionar esses elementos que permitem otimizar as condições necessárias para realizar a caminhada. A lógica se pergunta sobre o tempo, os meios, os passos essenciais que são necessários para alcançar o ponto de chegada, ou, no caso da produção do conhecimento, se pergunta sobre o trajeto direto entre a pergunta e a resposta.

O método de pesquisa é estruturado por meio de passos sincronizados a partir de um problema ao qual queremos responder, sequências obedecem uma regra geral

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



condutora da caminhada na direção do alcance dos objetivos e das comprovações e justificativas necessárias à elucidação da questão central que norteia a investigação e o estudo do fenômeno.

No caso da produção do conhecimento qualitativo, Chizzotti (2010, p. 81), apresenta as seguintes recomendações:

1) O problema, na pesquisa qualitativa, não é uma definição apriorística, fruto de um distanciamento que o pesquisador se impõe para extrair as leis constantes que o explicam e cuja frequência e regularidade pode-se comprovar pela observação direta e pela verificação experimental [...] 2) A delimitação do problema não resulta de uma afirmação prévia e individual, formulada pelo pesquisador e para a qual recolhe dados comprobatórios. O problema afigura-se como um obstáculo, percebido pelos sujeitos de modo parcial e fragmentado, e analisado assistematicamente. A identificação do problema e sua delimitação pressupõem uma imersão do pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias presentes que condicionam o problema. Pressupõem, também, uma partilha prática nas experiências e percepções que os sujeitos possuem desses problemas, para descobrir os fenômenos além de suas aparências imediatas [...] 3) O pesquisador é parte fundamental da pesquisa qualitativa. Ele deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos, predisposições para assumir uma atitude aberta a todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos [...] 4) Dos Pesquisados: todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais.

Os quatro pontos apontados por Chizzotti (2010) à definição de uma investigação qualitativa são importantes para delimitação do campo a ser investigado, especialmente as figuras do pesquisador e do pesquisado, já que a superação do papel neutro do pesquisador (neutralidade positivista) foi um passo decisivo para que a pesquisa adquirisse uma relação com os significados atribuídos pelo pesquisado. Nesse sentido, Ludke e André (1986, p. 4) afirmam: “uma das grandes vantagens deste investimento é que se estabelece uma interação entre pesquisador e pesquisado, ao

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



contrário de outros métodos, como a observação unidirecional, por exemplo, onde se estabelece uma relação hierárquica entre ambos”.

Os elementos apontados por Chizzotti e Ludke e André são relevantes para se pensar a produção qualitativa em investigações e entender que, além de estabelecer relação entre o campo, os sujeitos e os pesquisadores, a pesquisa qualitativa precisa de um aporte bibliográfico que valoriza a temática, e dela pode “extrair e resgatar justificando o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural [...]” (SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 2).

O uso de um pensamento estruturado bibliográfico em pesquisas nas ciências humanas tem seu valor ressaltado justamente pela possibilidade de justificar teoricamente não só o uso de categorias, mas também os percursos metodológicos assumidos que exigem ancoramento nas teorias que sustentem a compreensão da experiência tanto no ato de pesquisar, como do campo pesquisado.

A estrutura em sua forma representa o que há de externo em relação ao objeto de estudo. Esse lado visível do fenômeno expressa o que é “estruturante” em seu foco de investigação empírica, no trânsito de seu plano/projeto na realidade concreta. Mas, atenção ao descrever a forma para o que se movimenta internamente à coisa que se apresenta à representação do pesquisador como fenômeno.

Com Derrida (2014, p. 5), pode-se explicitar que

Nada há, portanto, de paradoxal no fato de a consciência estruturalista ser consciência catastrófica, simultaneamente destruída e destruidora, destruturante, como o é toda consciência ou pelo menos o momento decadente, período adequado a todo movimento da consciência. Percebe-se a estrutura na instância da ameaça, no momento em que a iminência do perigo fixa os nossos olhares na abóboda de uma instituição, na pedra em que se resumem a sua possibilidade e a sua fragilidade. Pode-se então ameaçar metodicamente a estrutura para melhor percebê-las, não só nas suas nervuras, mas também nesse lugar secreto em que não é nem ereção, nem ruína, mas

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



labilidade. Esta operação denomina-se (em latim) preocupar ou solicitar. Em outras palavras, sacudir com um abalo que atinge o todo (de *sollus*, em latim arcaico: o todo, e de *citare*: empurrar). A preocupação e solicitação estruturalistas, quando se tornam metódicas, apenas ganham a ilusão da liberdade técnica.

Os projetos de investigação nos colocam diante de uma planificação teórico-metodológica da pesquisa, processando a naturalização dos elementos que fazem parte da composição do objeto de estudo, constituindo-se em uma forma de domínio da estrutura em prol da universalização pela análise crítica ou não. Nesse processo, os construtos conceituais servem como categorias analíticas que asseguram a linguagem universal do conhecimento científico, e por outro lado, plantam a *ilusão* de paradigmas de sucesso e princípios absolutos da ciência, que se converte ao final: na *ilusão da liberdade técnica*, como destaca Derrida, em seus estudos.

O fim de um bom estudo é a criação, é a arte. A pesquisa que busca ser uma criação estética, num dado momento deve apresentar, mesmo que, dentro de uma medida possível, uma crítica à *ilusão* gerada pelos procedimentos técnicos de um processo de construção do conhecimento.

Para apreender mais de perto a operação da imaginação criadora, é preciso virarmo-nos para o invisível interior da liberdade poética. É preciso separarmo-nos para atingir a noite a origem cega da obra. Esta experiência de conversão que instaura o ato literário (escritura ou leitura) é de uma espécie tal que as próprias palavras separação e exílio, designando sempre uma ruptura e um caminho no interior do mundo, não conseguem manifestá-la diretamente, mas apenas indicá-la por uma metáfora, cuja genealogia mereceria por si só a totalidade da reflexão. Pois se trata de uma saída para fora do mundo, em direção a um lugar que nem é um não-lugar nem um outro mundo, nem uma utopia nem um álibi (DERRIDA, 2014, p. 9).

As palavras de Derrida apontam para além do mero aprofundamento teórico, já que escrever é um ato profundo de descoberta artística que se materializa em um estado constante de reflexão madura consciente de um objeto em relação ao mundo, a isso que se pode chamar de estado da arte, pois se transforma em uma constante situação de



construção e reconstrução de si no mundo, relação esta que imbrica o eu e as teorias (garimpadas por nós) que estão no entorno dos objetos que nos envolvem.

Análise “poético-criativa” na pesquisa qualitativa

O ato de escrever é um ato poético. O ato de pesquisar é um ato de processar a escrituração, por isso, poético-criador; se pensamos, se agimos, para além das naturalizações estruturalistas e da ilusão do cientificismo, avançamos na direção da escritura de uma dissertação ou tese original não só no sentido da composição: fundamentação, método, análise e síntese – elementos acadêmicos clássicos devidamente sincronizados no trilho científico da modernidade para gerar a ciência como um produto utilitário, mas na direção do conceito que se desdobrará pela sua desconstrução em outro conceito ou uma multiplicidade de conceitos com variantes de significados, tons, matizes e alegorias.

A pesquisa em Ciências Humanas e Sociais assume uma diversidade de rumos analíticos, e as categorias fazem parte de uma das trilhas de construção do conhecimento qualitativo. E dando a *estrutura*, o que é necessário como ponto ou linha de partida, como forma de início de trânsito ou previsão de saída; citamos as análises técnicas e metodológicas de Marconi e Lakatos, a partir dos estudos de Selltiz et al., nas quais encontramos as explicações seguintes:

Categoria é a classe, o grupo ou o tipo em uma série classificada. Para o estabelecimento de categorias importantes devem ser observados certos princípios de classificação. As perguntas ou as hipóteses da pesquisa, quando formuladas, oferecem uma base para o estabelecimento de determinadas regras. As regras básicas que orientam uma série de categorias são:

- O jogo de categorias deve ser derivado de um único princípio de classificação.
- O jogo de categorias deve ser completo, isto é, deve oferecer a possibilidade de colocar cada resposta em uma das categorias do jogo.
- As categorias do mencionado jogo devem ser mutuamente exclusivas; não ter a possibilidade de colocar determinada resposta em mais de uma categoria de série. Exemplo: Categoria: Sexo – Masculino e Feminino.
Classe Social – alta, média e baixa.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Estado Conjugal – casado, união estável, solteiro, separado, desquitado, viúvo.

Subcategorias: Classe social: alta-alta, alta-média, alta-baixa, média-alta, média-média, média-baixa, baixa-alta, baixa-média, baixa-baixa (SELLTIZ et al, 1965 apud MARCONI; LAKATOS, 2002).

No estudo qualitativo, a complexidade é maior, uma vez que, nem sempre temos uma hipótese ou suposição central como ponto de partida para problematização. O cuidado deve ser dobrado com as questões exploratórias e questões não estruturadas que façam parte de roteiros de coleta de dados, por meio de entrevista semiestruturada.

A questão central de um estudo qualitativo deve ser composta pelas chaves principais do trabalho, que por sua vez, direciona os objetivos e a seleção do jogo de categorias que podem derivar de um núcleo conceitual (campo teórico) ou de dados recolhidos no campo empírico (composto pela experiência), tudo retratado no título do trabalho.

É necessário destacar que esse caráter poético-qualitativo tem implicações, além de categorias analíticas que se associam ao referencial teórico de sustentação do problema e das suposições definidas para guiar o trabalho, associa-se também a apreciação de narrativas que sigam na direção de uma literalidade que poderá servir de referência a futuros estudos. Esse é o sentido poético que qualquer estudo acadêmico ou não deve cumprir, considerando que a literalidade proposta pelo caráter poético-qualitativo em muito se relaciona ao imaginário e seus significados.

Sobre isso, Jacques Lacan (1998) na obra *Escritos*, salienta que os marcadores imaginário e significado são composições relativas à densidade do discurso narrativo, uma vez que este se concentra no sujeito ou como dito pelo autor no “outro”, sobre o qual Lacan (1998, p. 696) explica:

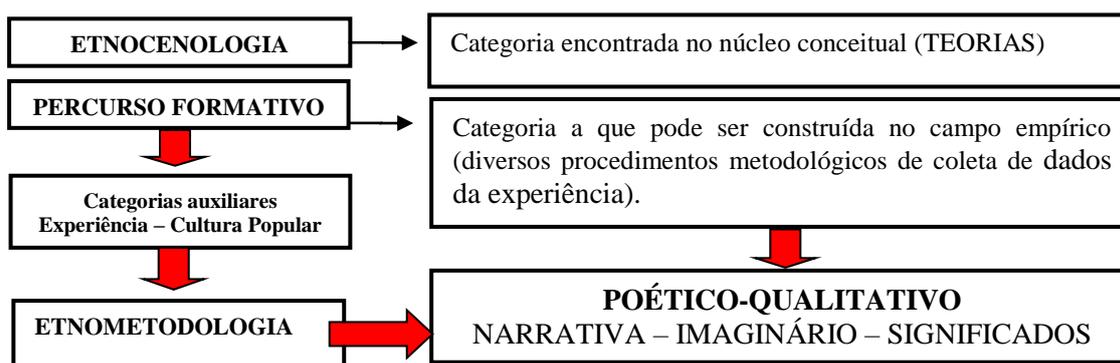
Isso fala no Outro, dizemos, designando por outro o próprio lugar evocado pelo recurso à palavra, em qualquer relação em que este intervém. Isso fala no Outro, quer o sujeito ouça ou não com seu ouvido, é porque ali que o sujeito, por uma anterioridade lógica a qualquer despertar do significado,



encontra seu lugar de significante.

Observa-se que a relação entre significado e significante no contexto do discurso narrativo e no aprofundamento de categorias analíticas, já que Lacan aponta o sujeito e o Outro como elementos importantes na compreensão do discurso produzido pelo sujeito e seu outro, e sua consequente desvelação de significado. Acredita-se que uma categoria analítica no âmbito da produção da narrativa cumpra com seu papel flexionar a realidade através da linguagem que se desdobra em discursos textuais e orais simultaneamente.

É nessa complexidade e a título de exemplo que a pesquisa “Percurso Formativo de Professores de Dança: Impasses, avanços e análises da influência da cultura popular e da etnocenologia a partir das narrativas dos egressos do Curso de Licenciatura em Dança da PARFOR/ ETDUFPA”, pode ser vista como uma *ilustração* da busca pela elucidação de categorias analíticas e seu caráter qualitativo-poético, destacando/classificando/montando o jogo de categorias, conforme pode ser observado no esquema abaixo:



O esquema acima mostra que a definição das categorias analíticas, no caso do referido trabalho, alude à matriz “etno”, ou no que é próprio de um grupo étnico ou populacional que designa em pesquisa, a investigação de situações, aspectos específicos

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



de uma cultura. Mota (2014) assinala que essa matriz “etno”, enquanto sufixo, se firmou entorno de ciências como a história, a matemática, as ciências naturais e tantas outras que assumiram análises que seguiam em caminhos contrários, da história e ciência ocidental, já que essa matriz nasce do reconhecimento de saberes científicos, históricos e sociais fora do padrão ocidental estabelecido como oficial.

Eric Hobsbawm (1988) aponta que o surgimento da matriz “etno” se dá pela negação da “ocidentalização” que ocorreu com a imposição da cronologia histórica grega, romana, cristã e europeia imposta como verdadeira para todas as culturas e que se rompeu a partir do surgimento da análise crítica proposta no pós-colonialismo. No entanto, essa transformação na conjuntura social não foi algo simples, uma vez que o colonialismo não se constituiu um movimento migratório ou simplesmente comercial. Alfredo Bosi (1992, p. 13) salienta que

A colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: ela é a resolução de carências e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório.

O processo civilizatório pautado na “ocidentalização” foi gradativamente corrompido por outras correntes de pensamento que consideravam a história, a ciência e organizações sociais fora do modelo colonial-imperialista. Mota (2010) salienta que a valorização do prefixo “etno” tem crescido desde a década de 1950, período em que houve grande repercussão de estudos da Antropologia, História, Ciências Sociais e Humanas, que se debruçaram sobre análises de populações e aspectos específicos de matrizes étnicas indígenas, africanas, indianas e tantas outras que trouxeram à luz noções diferenciadas de conhecimento e ciência fora do eixo ocidental.

Observa-se no referido esquema, por outro lado, que o sufixo “etno” não se reduz a uma categoria de análise, mas avança na perspectiva de se consolidar como uma metodologia específica para investigar elementos sociais e culturais que as ciências

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



humanas negligenciaram. A etnometodologia, que o esquema apresenta, “busca estudar exatamente aquilo que as outras teorias sociais parecem fazer desaparecer: as pessoas singulares em suas ações cotidianas, e os modos pelos quais elas, em interação, fazem sentido do mundo” (WATSON; GASTALDO, 2015, p. 8). Ressalta-se que, no caso do trabalho exemplificado no presente artigo, a identificação das ações cotidianas, as interações e sentidos associa-se com narrativa, imaginário e significado que no uso da palavra, como Jorge Larrosa (2015, p.23) assinala, “cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebeu”.

O referido estudo, ao se originar do universo da formação do professor de dança, traz consigo como categoria de análise a etnocologia, a cultura popular e a experiência na mesma direção em que Thompson (1981) aponta ao delinear a experiência em duas categorias, a histórica e a cultural. Esse delineamento realizado pelo autor sinaliza para o caráter culturalista que o trabalho assume, pois, a cultura popular, como uma forma cultural própria e de resistência do povo, e a etnocologia, como estudo que se pauta nas transformações que ocorrem no mundo atual, rompem com as noções de sociedade ocidental e colonial e avançam na consolidação de um novo conhecimento:

Conhecer-se o que não se conhece é reconhecer-se no novo, que se busca conhecer, algo que já existe no velho e, paulatinamente, irá se transformando (o velho), ao mesmo tempo em que, inevitavelmente, também se transforma o que se passa a conhecer (o novo). É nascer-se de novo, a cada passo, junto com o próprio caminho que se percorre, transformando-o, continuamente (BIÃO, 2009, p. 34).

A complexidade proposta por Bião na definição da etnocologia, não pode ser acentuada sem passar por um léxico composto por palavras que definem e complementam o sentido de “novo” que a etnocologia propõem estudar, a partir de conceitos como espetacularidade, teatralidade, estados de consciência, estados de corpo

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



e tantas outras palavras que desvendam o universo por trás da cena cultural e social.

Dessa forma, observa-se com a exemplificação do trabalho “Percurso Formativo de Professores de Dança: Impasses, avanços e análises da influência da cultura popular e da etnocologia a partir das narrativas dos egressos do Curso de Licenciatura em Dança do PARFOR/ ETDUFPA” que a utilização de categorias de análise são de suma importância para caminhos diferenciados na elucidação de um objeto de pesquisa, já que as categorias são transversais ao trabalho investigativo, indo da pesquisa teórica a definição metodológica.

Ainda sobre *categorizar*, merece destaque, a lente analítica de Derrida (2014), que chama nossa atenção para a outra dobra desse *devenir*, este, parte de uma análise da forma como Foucault constrói os seus empreendimentos de estudo e pesquisa sobre a *loucura*, em uma outra via de interpretação totalmente distinta da categorização desse termo na *perspectiva clássica da tradição filosófica e da tradição médica*.

Ora, esse conceito de loucura, que nunca é submetido a uma apreciação temática por Foucault, não é, hoje em dia, fora da linguagem corrente e popular que sempre perdura mais tempo do que deveria após o seu questionamento pela ciência e pela filosofia, esse conceito não é um falso-conceito, um conceito desintegrado, de tal maneira que Foucault, recusando o material psiquiátrico ou o da filosofia que nunca cessou de aprisionar o louco, serve-se finalmente – e ele não tem escolha – de uma noção corrente, equívoca, tomada de empréstimo a uma reserva incontrolável. Não haveria nada de grave se Foucault somente utilizasse essa palavra entre aspas, como ele o faz com a linguagem dos outros, dos que, no período que estuda, utilizaram-se dessa palavra como um instrumento histórico. Mas tudo se passa como se Foucault soubesse o que “loucura” quer dizer. Tudo se passa como se, em permanência e em subjacência, uma pré-compreensão segura e rigorosa do conceito de loucura e, ao mesmo tempo, de sua definição nominal, fosse possível e adquirida. De fato, poderíamos mostrar que, na intenção de Foucault, se não no pensamento histórico que ele estuda, o conceito de loucura recupera tudo o que poderíamos colocar sob o título da negatividade. Pode-se imaginar o tipo de problemas que tal utilização da palavra suscita (DERRIDA, 2014, p. 58).

Mesmo considerando as críticas de Derrida ao uso da linguagem por Foucault em suas análises sobre a *loucura*, este avança no sentido de compreender que a escritura

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



é algo além da mera produção escrita, já que a escritura é a constante busca do sentido da palavra escrita, algo que mesmo registrado no papel, constitui-se no desafio de se decifrar. Em investigações qualitativas tem que se assumir o risco de quebrar a clausura dos saberes constituídos, que Derrida (2013, p. 6), na obra *Gramatologia*, chama atenção, pois “Ele é o que rompe absolutamente com a normalidade construída e por isso somente se pode anunciar, apresentar-se, na espécie da monstruosidade”. Assim, o desenvolvimento do ato de escrever se constitui um ato de arte porque envolve o anúncio do conhecimento novo, como resultado da invenção criativa que move coisas e sujeitos.

Dessa forma, ao elaborar a tese sobre a licenciatura em dança, é possível observar, através de narrativas de sujeitos e enunciados de seu projeto pedagógico, que esta é uma célula pequena e poderosa, que desde sua concepção já expressava ao que veio ao definir que formaria em nível superior professores pesquisadores que iriam atuar na Educação Básica do Estado do Pará com a possibilidade de continuar seus estudos em nível de pós-gradual *lato e stricto senso*, tudo isso apoiado na premissa da realidade amazônica, na criação artística e especialmente na pesquisa (PPC/PARFOR/ETDUFPA, 2011).

Como dito, o desafio de formar professores de arte em um estado amazônico não é tarefa fácil, uma vez que a dimensão geográfica e o difícil acesso a meios de comunicação, transporte, logística e material para o desenvolvimento do curso se apresentavam como desafios que foram encarados pela coordenação e pelos professores efetivos e contratados como um compromisso com a expansão da dança, não somente como componente curricular, mas como uma prática de vida que é direito de todo cidadão.

Daí a convenção de que o eixo que nortearia a formação seria o corpo, considerando que o entendimento dos professores da licenciatura em dança na

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



elaboração de seu PPC era de que “a produção acadêmica de estudiosos tem revelado importantes questões referentes ao corpo, com propósitos pedagógicos centrados na educação integrada, onde a mente é valorizada em sintonia com o corpo” (PPC/PARFOR/ETDUFPA, 2011, p. 29).

Essa concepção fundamentava-se na ideia de superação da dualidade entre corpo e mente proposta por Descartes no século XVIII, o qual compreendia que esses dois elementos não se misturavam e que o corpo assumia posição secundarizada diante da mente. O PPC da licenciatura em dança ao longo da execução do curso quebrou essa concepção ao buscar a técnica virtuosa em detrimento da técnica por ela mesma. Essa noção de técnica coaduna o pensamento deleuziano de seus círculos de virtualidades que se assentam sobre o que é atual, uma vez que “Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades, cada um deles emitindo um outro, e todos rodeando e reagindo sobre o atual” (DELEUZE, 1996, p. 49).

Desse modo, Deleuze não se refere à virtualidade na perspectiva de valores, mas de algo real que não pode ser visto, mas sentido. A licenciatura em dança em seu PPC entendia que a formação atingiria pessoas que nunca tiveram acesso às técnicas de dança, mas que deveriam ser formadas para essa função, então a saída era encontrar uma metodologia que não prescindisse da técnica, mas que fosse além disso, atingindo a “particularidade que lhe cabe, entendendo o mecanismo evolutivo do corpo, como uma ferramenta fundamental no processo de ensino aprendizagem, com ações de caráter consciente, sensível, inteligível” (PPC/PARFOR/ETDUFPA, 2011, p. 30).

Observamos que é isso que insere a licenciatura em dança do PARFOR/ETDUFPA nos círculos de virtualidades deleuziano, já que formar professores sem uma prática efetiva de dança e fazê-los compreender que sua necessidade se coaduna com que Deleuze (1996, p. 49) afirma ao expressar que “no centro da nuvem do virtual está ainda um virtual de ordem mais elevada... cada partícula

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



virtual rodeia-se de seu cosmo virtual, e cada uma por sua vez faz o mesmo indefinidamente”.

Assim, essa constatação acontece para além da virtualidade, já que não se tem corpos perfeitos moldados pela técnica exaustiva do exercício físico ou da dança, mas aquilo que Deleuze chamou de corpo sem órgãos no qual existe um plano de consistência e não propriamente técnica apurada no qual os

os princípios, como forças, essências, substâncias, elementos, remissões, produções; as maneiras de ser ou modalidades como intensidades produzidas, vibrações, sopros, Números. E enfim a dificuldade de atingir este mundo da Anarquia coroadada, se se fica nos órgãos [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 19).

Sem prescindir do ensino da técnica, a licenciatura em dança, pautada no eixo do corpo preocupou-se em desenvolver uma pedagogia própria para essas turmas de forma a fazer com que a dança fosse uma maneira de refletir sobre sua existência e que dela é que emergem as forças aparentemente anárquicas, mas que representam a compreensão de si no mundo, o seu mundo do qual emerge a cultura local e as “As manifestações da cultura popular local são consideradas elementos reveladores de estéticas, pensamentos e vivências que se transformam em poéticas e que fazem parte de ações que podem e devem ser inseridas no contexto educacional” (PPC/ PARFOR/ ETDUFPA, 2011, p.31).

A experiência como professores do programa ministrando as disciplinas tem nos mostrado a transformação de corpos e pessoas, que ao longo da formação entenderam que dança é uma atitude e não simplesmente a aprendizagem de técnicas. A identidade amazônica em sua multiplicidade tem permeado a execução do currículo da licenciatura em dança, ou, como afirma Paes Loureiro (2001), na obra *Cultura amazônica: Uma poética do imaginário*, o trabalho que considera a cultura amazônica tem que ponderar que em qualquer manifestação o homem não está dissociado da natureza, na qual

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



“perdura ainda uma harmonia, mesmo entrelaçada de perigos e se vive em um mundo que ainda não foi dessacralizado; em que o coração vive ardoroso do espírito e no qual brota ainda aquele leite e mel das sagradas origens” (LOUREIRO, 2001, p. 27).

Observamos que o processo desenvolvido no curso traz consigo a marca de cada aluno e sua identidade, pois suas aprendizagens são registros de seus modos de vida e principalmente da cultura que os nutre, mostrando dessa forma que o texto do PPC se materializa na pesquisa realizada pelos alunos,

Ao propormos uma educação integral do corpo, concebido aqui como sistema, incluímos não apenas a subjetividade do indivíduo, mas também a cultura e o ambiente que o circundam. A complexidade permeia o pensamento das metáforas corporais e a sua relação com a evolução e o desenvolvimento da dança (PPC/PARFOR/ETDUFPA, 2011, p. 31).

No entanto, é preciso observar que a dança no contexto do currículo da educação básica insere-se em um contexto de secundarização extrema, potencializado pela atual reforma do Ensino Médio que relegou o ensino da arte à condição de disciplina optativa e que, historicamente, essa situação declara apartação diante de disciplinas com maior carga horária no currículo, ficando esta em um plano inferior na preferência de estados e municípios. Reis (2003) salienta que mesmo com os avanços que a área de artes teve a partir da LDBEN e dos PCN, a referida área ainda é subalternizada na organização curricular das unidades escolares brasileiras, já que, além de cargas horárias diminutas,

o ambiente físico e a dinâmica de funcionamento de muitas escolas, emerge a impressão de que muitos agentes educativos (professores, alunos e outros profissionais envolvidos com o trabalho escolar) ainda vivem em meados do século passado, principalmente quando confessam que não sabem mesmo o quê ensinar e para que aprender arte na escola (REIS, 2003, p. 65).

A observação do referido autor aponta um dos muitos desafios que a área de artes vive e que nos faz compreender a baixa preferência pelos cursos dessa área no âmbito do PARFOR. Na Universidade Federal do Pará, o programa oferta 391 turmas, sendo que as turmas de dança são apenas duas, localizadas em Mãe do Rio e Tucuruí,



representando 0,7% das turmas em funcionamento no referido programa.

Sobre a formação de professores oferecida pelo PARFOR, Santos (2015) aponta que mesmo considerando os cursos mais procurados por estados e municípios, essa demanda camufla exigências quanto ao desempenho dos alunos e a consequente culpabilização do professor pelo fracasso do ensino, ressaltando que “o professor sofre as pressões advindas da postura do discurso oficial de centralizar a qualidade da educação no papel do professor” (SANTOS, 2005, p. 96).

Considerações finais

Guardada a devida proporção e densidade criadora – as categorias de nossos trabalhos podem ser empreendidas na busca de algo mais, para além de uma estrutura lógica universalizante, com tentativas de provocar e promover a criação de novas conceituações e significados ao elemento estudado.

As categorias de análise, talvez, um mal necessário da forma estrutural de planificar e projetar estudos nas Ciências Humanas Moderna, do qual, na vida acadêmico-científica, não sabemos quem escapa, quando tratadas qualitativamente, podem desdobrar, quebrar, desconstruir, criar e recriar a partir da forma de um conceito clássico. Para além do tratamento formal do estudo, pode-se pela *imaginação criadora e inventiva* gerar novos conceitos e novas significações por meio do conceito normal bibliográfico.

Como exemplo, destacamos, *Currículo da formação de professores de dança, etnocenologia e educação: estado da arte e sua interface com os percursos formativos*, estudo na forma qualitativa desenvolvido originalmente por Pereira (2016), que em seus estudos, lida com uma categoria conceitual (resultado da pesquisa bibliográfica), mas que encontra conexões com o movimento de *Dançadores/Dançadoras* no cotidiano (campo empírico, lugar da experiência) de Escolas da Amazônia Paraense,

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



demonstrando as possibilidades de gerar uma análise sobre as interações conceito e experiências, e construir um texto acadêmico como resultado dessa investigação, que não precisa sufocar o estético-poético da plástica teatral dos sujeitos envolvidos, mas que incorpora essas criações por meio de outras linguagens, fotos-gráficas-visuais, por exemplo.

Essas formas de fazer dançar, permeadas pela prática pedagógica, demonstram que a dança não é só movimento, mas também atos de linguagem cênica, sobre a qual Mendes (2010, p. 113) assinala que “Essa condição não diz respeito unicamente ao sentido temporal, mas refere-se, sobretudo, ao sentido estético da dança enquanto linguagem artística”.

Prática e formação se confundem nas experiências dos professores que desenvolvem um modo de fazer dança diferenciado, mas que guarda profunda relação com a experiência humana, com a cultura vivida e com as multifacetadas do cotidiano, já que a beleza reside nesse movimento estético produzido integralmente como um ritual do corpo.

Barreto (2004, p. 76) reafirma essa percepção, uma vez que “o sentido da dança é próprio da existência humana. Por isso só é possível compreender este sentido na experiência da beleza ou ainda nas experiências educacionais, recreativas ou ritualísticas”.

O conceito formal que resulta da revisão da literatura existente quando categorizado em composição com o dado empírico, renova-se com o movimento poético da cena gerada pelo corpo que dança e encena no cotidiano, estamos diante da análise-sintética resultante da combinação entre teoria e empiria, qualitativamente categorizados, com a vida e as cores – em uma espécie de “alquimia do cotidiano” (PAIXÃO, 1995).

Assim, mesmo com a consciência de que não se escapa da *lógica estrutural*,

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



após a planificação e projeção necessária de uma pesquisa no campo acadêmico-científico, espera-se uma resposta original, criativa e sensível de cada tese ou dissertação concluída, nas quais o pesquisador é, na medida de sua inventividade criadora, um gerador da potência de novas estéticas, em nosso caso, para as Ciências Humanas.

Referências

BARRETO, Débora. **Dança: ensino, sentido e possibilidades na escola**. Campinas: Autores Associados, 2004.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

BERNARDES, Antonio. Quanto às categorias e aos conceitos. **Revista Formação Online**, n. 18, volume 2, jul/dez., 2011, p. 39-62.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Prefácio: Michel Maffesoli. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Dialogues**. França/Paris: Flammarion, 1996.

_____; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, vol. 3, 1996.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança PARFOR**. Belém/PA:

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



ICA/ETDUFPA, 2011. 118p.

GAMBOA, S. S. **Projetos de Pesquisa, Fundamentos Lógicos:** a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó: Argos, 2015.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KANT, Emanuel. **Textos Selecionados.** Petrópolis/ RJ: Vozes, 1985.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. 5. ed. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte/ MG: Autêntica, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica:** uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001. 437p.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MANCEBO, Deise. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso **histórico. Psicologia: Ciência e Profissão**, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000100011. Acesso em 10 set. 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MENDES, Ana Flávia. **Dança Imanente:** Uma dissecação artística do corpo no processo de criação do Espetáculo Averso. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

MOTA, Lúcio Tadeu. Etno-história: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas. **São Paulo: Patrimônio e memória**, Unesp, v. 10, n. 2, julho-dezembro, 2014 p. 5-16. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/463>. Acesso em: 04 dez. 2016.

PEREIRA, Ricardo Augusto Gomes. **Currículo da formação de professores de dança, etnocenologia e educação:** estado da arte e sua interface com os percursos formativos. **MOVIMENTOS – Revista de educação**, ano 3, número 4, 2016. 21p.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



PAIXÃO, C. J. **Alquimia do cotidiano**. São Paulo: Arlequinal, 1995.

REIS, William. Ensino de arte: um componente curricular obrigatório na Educação Básica. São Luís/ MA: **Cad. Pesq.**, v. 14, n. 2, jul./dez. 2003. 64-83p. Disponível em: [http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo205\(18\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo205(18).pdf). Acesso em: 20 ago. 2016.

SANTOS, Jennifer Susan Webb. **Possibilidades e limites no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará**: A visão de egressos do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2015. 167p. Disponível em: <http://www.ppped.com.br/arquivos/File/oKdissertajennifer.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2016.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, Número I, Julho/ 2009. 15p. Disponível em: www.rbhcs.com. Acesso em: 10 set. 2016.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. **Etnometodologia e análise da conversa**. Petrópolis/ RJ: Vozes, PUC/RJ, 2015.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Sobre os Autores

Carlos Jorge Paixão

Professor do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Pós-Doutor na Área de Concentração: Filosofia e História da Educação da FE / UNICAMP, Campinas-São Paulo. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Teorias, Epistemologias e Métodos da Educação – EPsTEM/UFPA. *E-mail:* carlosjpaixao@hotmail.com

Ricardo Augusto Gomes Pereira

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Mestre em Gestão e desenvolvimento regional pela UNITAU. Mestre em Educação pelo PPGED/UFPA. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Teorias, Epistemologias e Métodos da Educação – EPsTEM/UFPA. Assessor técnico do Conselho Estadual de Educação – CEE/PA. *E-mail:* pereiraric19@gmail.com

Recebido em: 05/03/2018

Aceito para publicação em: 20/03/2018